

Gerações 50 e 60 (7) – João Gago da Câmara

“Preciso desta ligação intrínseca com a imprensa que apesar do distanciamento das redacções nos persegue pela vida fora”

Dos tempos das matanças aos discos de vinil, João Gago da Câmara falou sobre a sua vivência no jornalismo e do gosto que tem pela aviação. Admite que as gerações se modificaram muito entre si, e que “a internet, quando bem utilizada, é a nova maravilha do século”. Da família fala com especial carinho e sabe que “os nossos, quando somos família, estão dentro do nosso peito” Venha saber mais deste jornalista que também o foi no Correio dos Açores.

Quando e onde nasceu? Conte-nos como foi o seu crescimento.

Nasci no número 17 da velha Rua do Lameiro, hoje Rua do Castilho, em Ponta Delgada, no dia 13 de Maio de 1956. Enquanto me debatia para conseguir ver a luz do dia do meu então novo mundo, a minha mãe, desde sempre muito religiosa, ouvia os hinos de Fátima através de um transistor que lhe haviam colocado em cima da mesinha de cabeceira. O meu pai, que se chamava João, quis dar-me o seu nome, mas a minha mãe, dado o pastorinho Francisco, quis chamar-me de Francisco, daí ambos se contentaram mutuamente chamando-me João Francisco. Depois fui Andrade pelo lado da minha mãe e Gago da Câmara pelo lado do meu pai. E com o maior orgulho e honra!

Quanto ao meu crescimento, terá sido como o de qualquer criança e adolescente. Sempre tive muitos amigos, sempre joguei muito futebol e volley, sempre fiz muitas asneiras, sempre me magoei muito e sempre escapei a tudo. Sempre tive muito amor dos meus pais, avós e irmãos (somos seis filhos), sempre fui também uma criança amorável, embora às vezes rebelde. Dizem-me que tenho um grande coração. É o que dizem...talvez para me contentar. Vai-se lá saber! Mas acredito que sim. Fui como fui, sou como sou, e a felicidade, salvo excepções ou atropelos para esquecer, grande parte da minha vida bateu-me à porta.

Vivia próximo do quartel dos Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada, na chamada rua da Louça que ficava no enfiamento da minha rua do Castilho, e sempre que tocava a fogo lá ia eu com os calcanhares a bater no rabo em correria desenfreada para ver os soldados da paz a deixar o quartel para acudir a quem mais precisava. Cresci ao som das sirenes.

Estava também sempre atento às saídas dos novos discos na altura em vinil e sempre que chegava uma nova canção à discoteca Vasco, no canto em cima da rua do Valverde, lá ia eu também em correria – passava a vida a correr – comprar o disco... e era o gira-discos a tocar todo o dia, ou nas horas em que estava em casa.

Vivi no centro da cidade de Ponta Delgada. Usufri do bulício da cidade e do seu cheiro muito característico. Ponta Delgada cheirava a café, aos gelados do senhor Matias, aos rebufados da mercearia “Pereira e Pereira”, aos estúdios de fotografia do senhor Norberto Nóbrega, ao cheiro ao produto de arrear pratos da ourivesaria Martins do Vale, à água benta da igreja da matriz. Foi muito bom nascer e crescer no centro de Ponta Delgada.

Recordo-me que muitas vezes brincávamos na rua, embora a minha casa tivesse um grande jardim que atravessava o quarteirão e ia da rua do Castilho até ao Liceu Antero de Quental que, em tempos, foi residência do meu bisavô, Amâncio Gago da Câmara. Tínhamos outra liberdade. Os nossos pais estavam muito mais descansados do que os pais de hoje, porque não existiam para os menores os perigos que hoje existem. A sociedade era mais pacífica e a criança tinha outra liberdade e era bem mais respeitada.



Além do jornalismo, João Gago da Câmara tem uma paixão pela aviação, tendo até o seu próprio avião

Recordo-me de brincar com os meus primos Maçanita e Andrade nas Furnas onde todos os anos passávamos férias de Verão e onde subíamos às araucárias que ladeiam a piscina de água férrea, onde caçávamos nas montanhas que ladeiam as Pedras do Galego, onde jogávamos croquet em torneios com os naturais do vale, na Casa do Povo, e, nesse nunca mais parar, quase todos os dias mergulhávamos nas águas límpidas e quentes da praia da Ribeira Quente de onde trazíamos peixes e polvos em quantidade caçados na pesca submarina. Chegámos a apanhar lagostas em mergulho sem garrafas a 20 metros de profundidade na baía a seguir à Ponta do Garajau. Posso dizer que tive uma infância feliz.

Que tradições/costumes da nossa terra recorda do seu tempo de infância que hoje já não se celebram da mesma maneira ou de todo?

Olhe, vou ser polémico. A matança do porco! Hoje já não se mata o porco em casa, mas antes isso acontecia porque as famílias sobreviviam à custa desse momento dramático para o pobre animal. Hoje o porco continua a ser morto, mas por imperativos de saúde pública, o animal é abatido nos matadouros. Acabou-se, assim, todo um festejo à volta da matança em que se cantava, dançava, comia e festejava a vinda de alimento que, em casos de certas famílias de pouca gente e de poucas posses, o “conduto” chegava para todo o ano.

Lembro-me também de jogar muito ao pião. Chegava por vezes a casa contrariado quando perdia o meu pião para um adversário. Não havia jogos a dinheiro, nem sequer se sonhava com isso. O dinheiro era visto como um mal para as crianças. Ia-se para

a competição com um pião a que nos afeiçoávamos muito e que perdíamos às vezes por jogarmos mal, ou porque os adversários jogavam muito melhor do que nós. E o adeus ao nosso pião, companheiro de muitas horas, era sempre uma tragédia.

Recordo-me das malassadas cozinhadas pela minha mãe, sobretudo no Carnaval. Vínhamos encharcados da Batalha de Limas na Avenida Marginal e lá estava a santa em frente ao fogão a lenha, acompanhada da nossa velha empregada, a ama como a chamávamos, a tirar maravilhosas malassadas polvilhadas em açúcar, que devorávamos.

Os meus amigos Bonifácio eram como irmãos e com eles, já adolescente, desfrutei dos fabulosos bailes de carnaval no Clube Micaelense e no velho coliseu. Bons tempos.

Comparando com a geração dos dias de hoje, na sua opinião que diferenças existem em relação à geração em que nasceu?

O mundo está substancialmente diferente. Assiste-se a uma desumanização das sociedades face ao materialismo que impera e que infelizmente é transversal a todas as geografias. A democracia trouxe benefícios, mas uma preocupante, quase ridícula, apetência pelo poder que sempre traz consigo situações de corrupção. Não sei se no tempo do Estado Novo havia tanto corrupto como esses em que vamos tropeçando hoje porque a vida dos cidadãos girava à volta de um secretismo imposto pela ditadura que silenciava a comunicação social, excepto a colaboracionista com o sistema. Mas se existia, não se sabia, não se sofria. Hoje, a liberdade de expressão, chegada em boa hora, leva os média

a investigarem, a desvendarem máfias e a revelarem desonestidades a que todos assistimos e que nos saem da algibeira como pagantes que somos. Há que dar uma volta ao sistema. Há que responsabilizar mais os políticos pagando-lhes mais (sou apologista do político ganhar muito bem) para então os podermos responsabilizar, até judicialmente, pelo mau uso dos bens públicos, que são nossos, porque o Estado somos nós.

Que evoluções e alterações tem notado no mundo do trabalho desde que começou a trabalhar até àquilo que é hoje a sua realidade profissional? Conte-nos um pouco do seu percurso profissional.

Ao longo de 34 anos, fui profissional da comunicação social. Entrei para o então Emissor Regional dos Açores, na Avenida Gaspar Frutuoso, onde ainda dávamos as horas com um batimento no gongo, onde os eventos não eram sequer transmitidos em directo mas em diferido e iam a correr para a rádio para pormos a matéria rapidamente no ar, onde um locutor era um senhor. Cheguei a ir trabalhar de fato e gravata. Emitíamos com 5 quilowatts, depois com 10, na onda média, e chegávamos mal a Santa Maria, aqui ao lado. O Asas do Atlântico chegava melhor a São Miguel do que nós à ilha de Gonçalo Velho. Fui assistindo ao ganho do éter, à chegada do FM, até que, muitos anos depois, ilha após ilha, já com o estéreo, chegámos às Flores. Tudo isso foi uma miragem durante muitos anos, mas o oásis foi-se gradualmente aproximando. Era uma alegria quando podíamos anunciar aos novos ouvintes de mais uma ilha as boas vindas ao Emissor Regional dos Açores da Emissora Nacional. Que prazer dava! E recebíamos cartas e postais deles a congratularem-se por finalmente nos estarem a ouvir do lado de lá do mar e por lhes quebrarmos o isolamento.

Tínhamos formações profissionais em Lisboa, algumas com professores competentíssimos da Universidade Nova que muito nos ensinaram. Quando iam para trás do microfone, sabíamos o que estávamos a fazer, íamos com formação profunda de base. Hoje, tudo assenta no digital e qualquer um vai para um estúdio dizer umas coisas, mesmo sem nexos, com más dicções, com erros de linguagem, sem preparação alguma e sem a mínima noção da responsabilidade que é estar a falar para milhares de pessoas. Nem se apercebem que estão a informar, mas também a formar.

Passai também pela imprensa escrita em que fui redactor e repórter no nosso “Correio dos Açores”, com administração, redacção e oficinas na rua da Misericórdia e com entrada também pela rua dos Mercadores. O “Correio” foi uma escola. Lá estive com o Jorge do Nascimento Cabral, o Osvaldo Cabral, o Tomás Quental Mota Vieira, o José Francisco Silva, o Sidónio Bettencourt, entre outros colegas e amigos. Julgo não ter apanhado o estimado Santos Narciso. Aprendi muito. Quanto à imprensa escrita, o que sei devo-o muito em parte ao “Correio dos Açores”. A postura do “Correio”, ao invés de outras publicações, nunca foi populista. O jornal fez